

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA : — Anno 3500 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 51. — SABBADO, 20 DE DEZEMBRO DE 1856.

PROVINCIA — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

Manuscriptos ineditos (continuação) — O Castigo de Senhor (continuação) — Alda (continuação) — O imperador da Russia — Narcoticos nos diferentes paizes — Nova igreja em Hendon — Hospital civil de Bilbau — Grupo em marmore de M. Etex — Lyrica — Noite — Mythologia — Narrativas e lendas (continuação) — Coroação do imperador Alexandre II em Moscow (continuação) — Bucharest — Anachronismos na pintura — Payé-Tomé — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Nova igreja em Hendon — Grupo em marmore de M. Etex — Hospital civil de Bilbau — O imperador da Russia — Bucharest.

MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba escrito e feito por mandado do m.º R. padre em Xpº o p.º Xpt.º de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

(Continuação.)

Como Fructuoso Barbosa foy encarregado da Parahiba.

CAPITULO 3.º

Elrey Dom Henrriq q. d.º tem en gloria movido dos clamores que destas Capitánias lhe faziam e do damno q. fortificados os francezes con tanta multidam de gente petiguar encarniçados con tantas mortes podiã fazer á Instancia de hu Fructuoso barbosa q. avia hido de Pernambuco, q. por aver ja no parahiba carregado navios do pao por alguas vezes no tempo das pazes q. lhe os petiguares fizerã e por ter conhecimento da terra e delles e ter praça e m.ºs palavras o encarregou da Conquista e povoação do parahiba, por contrato q. fes em sua fazenda dando-lhe p.º isso as provisões necessarias náos e mantimentos e conquistando e povoando o parahiba á capitania delle por dez años.

Chegou Fructuoso Barbosa á Pernambuco creio no anno de setenta e nove em hum formoso Galeão e hua zaurra e outros dous navios cõ muita gente portugueza assy soldados como povoadores casados, com muitos resgates, munições e petrechos e cousas do almazem necessarias assy a cõquista como á povoaçam q. logo avia de fazer e trazendo hum vigairo á quem Elrei dava quatrocentos cruzados de ordenado e religiosos de S. Fr.º e de S. Bento cõ toda a ordem e recado necessario (como digo) a empreza q. c'a fazenda delrei devia de montar hum muy grande pedaço com o que vendose infunado e cheo de senhoria e sobido a tal estado se vazou todo por aly, esquecendo-se da obrigaçam que trazia, en sete ou outo dias q. esteve surto sobre Pernambuco sem querer desembarcar nem tratar ó negocios lhe deu hum tempo cõ q. arribou as Indias na q.º arribada lhe morreo a mulher sem ter ácordo (por nã dizer outra cousa pera entrar no Parahiba) donde tornado ao Reino partio delle no anno

de outenta e dous por mādado delrey Dom Felipe nosso Sñor já com menos arrogancia porque chegando ao porto de pernambuco se concertou com os da villa de Olin-da (que he á cabeça da Capitania de pernãbucho) como pode, q. nã desejãvã outra cousa ordenandose com o L.º Simã Roiz Cardoso, Capitã e ouvidor de Pernambuco fosse por terra com agente delle e elle con a gente q. trazia e outra m.º da mesma Capitania, que por serviço delrey se lhe ajuntou por mar.

Chegando a boca da barra do parahiba com á armada q. trouxe e alguns caravelões destas duas Capitánias Tamaraca e pernambuco entrarã pello Ryo asima por terem aviso q. sete ou outo naos francesas q. la estãvã surtas estãvã bem descuidadas e varadas em terra e a mor parte da gente nella e os Indios metidos peño certam a fazer pao p.º á carga dellas. E dando de subũto sobre ellas queimarã cinco esbulhando-as primr.º q. foi hum honrado f.º E as outras fogirã com quasi toda a gente.

Descuidados os nossos cõ esta victorea q. lhes nosso Sñor deu a tam pouco custo e ninhum sangue saindo alguns delles en tera com hum f.º Je fructuoso barbosa e alguns seus parentes e soldados espanhois arrebetou ó gentio de huma syllada em q. estava e dando nelles os hiam matando atee a praia onde se elles hiam recolhendo p.º os bateis sem delles nem das náos q. tudo era a tiro de arco os socorrerem que foy cousa lastimosa ver matar maes de corenta homens portugueses em q. entrou ó f.º do Capitam e alguns espanhoes nobres por sua desordem tamanha e cõ a mesma furia ouverã os imigos de tomar a zaurra em q. hia Gregorio Lopez de Abreu por Capitam q. no dia dantes entrara diante e fizera ó tudo, por ficar na ponta da Ilha quasi em seco e a se nã defen-

der esforçadamente sempre os Indios com alguns francezes ó tomarã as mãos e acabarã todos.

O Capitam fructuoso barbosa ficou tão cortado e recesso deste successo, q. se levãtou com toda á armada e foy surgir na boca da barra e por se nã ter por seguro dentro esperando á gente que hya por terra. E estando p.º dar á vella por ver q. tardava chegou o L.º Simã Roiz (que a ser maes cedo non ouvera ó destroço q. ouve) com duzentos homens de pee e de cavallo e m.º gentio (porq. asy o faziã sempre) passando ó rio por sima e indo ao longo delle buscar á barra dabanda do norte o q.º no caminho na varzea do Parahiba teve hum bom encontro con os petiguares q. avisados da sua ida ó forã esperar e meteram em revolta e pressa se o nosso gentio ajudado da gente lhe nã tivera aq.º primr.º impetu, mas os petiguares favorecidos da victorea passada se metiam tanto q. vinhã á braços com os nossos, q. tornandose sobre elles os desbaratarã de todo matando hum bom golpe delles. E assy chegarã a barra do Ryo da banda do norte com esta victorea com q. consolarã os da armada e animados huns com os outros, e tratados (em sete ou outo dias q. aly estiverã) os meos de se fortificarem e povoarem da bãda do norte porq. pareceo impossivel da banda do sul no Cabedello por seer mao ó sitio e nã ter agua E feita experientia em alguma q. se abrio na praia e tudo m.º praticado e nã sey como f.º polos inconvenientes e impossibilidades q. a tudo achava fructuoso barbosa, fugiram a maior preça q. o medo á cada hum ensinou por verem da banda dalem junto m.º gentio petiguar, mādando daly ó galiam com áviso áá Sua m.º de do que passava, desesperado ja fructuoso barbosa de suas vaidades se veo lograr hum novo casamento q. a sombra

da governaçã de caminho em Pernambuco avia conseguido, cortado das perdas da outra mulher e filhos q. nesta jornada avia perdido, emfortunios q. pello parahiba avia padecido.

E assy ficarã ambos en calma e os imigos maes soberbos e estas capitánias pior q. nunca e a de Tamaraca de todo desesperada e p.º se despovoar soo detinha alguns poucos as esperanças q. lhe deixou hum Ant.º Raposo q. por procurador mādaram á baía a pedir socorro ao governador M.º telles barreto con grãdes requirimentos e protestos de emcãpões assy Tamaraca, como Pernambuco no outubro de outenta e tres andando-se isso ja traçando per ordem do general Dioguo flores de Valdez, do q.º he bem q. se de conta ó como veo ter á baía e partes do Brazil.

Continua.

Se não queres encontrar uma Dalila, nunca communiques um segredo á tua amante.

O silencio occulta a ignorancia; a loquacidade a patenteia.

Um insulto feito á honra, é pagar com honras a traição.



Nova igreja em Hendon.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação.

XVIII

A CONFISSÃO.

Era o momento ajustado.

Paulino não faltou ao convite que fizera a seu filho; Eduardo não sabia illudir as ordens de sua mãe.

Ambos entraram no salão.

O instante era solemne. O Castigo do Senhor via o seu futuro preso a uma palavra de seu filho; na sua alma corriam como em um panorama gigante todos os seus crimes, via diante de si um juiz inexorável, a quem a sua perdição envolvia também. Eduardo mal atinava com o que poderia desejar d'elle o pae de Laura.

— Fostes exacto, senhor, eu vol-o agradeço.

Paulino pronunciou com voz sumida estas poucas palavras.

— Minha mãe...

— Fui eu que lh'o roguei.

— Que me quereis?

— A vida ou a morte.

— Não vos comprehendo!

— De vós depende a minha ventura, ou a minha eterna condemnação.

— De mim?!

— Sim; se me condemnardes, Deus não poderá também perdoar-me.

— Fallae.

— É um segredo inviolavel para todos o que pretendo dizer-vos, Eduardo... senhor Eduardo.

— Juro por alma de meu pae...

— Não jureis! disse Paulino estremecendo.

— Como!

— Jurae pela vida de vossa mãe, pelo vosso amor por minha filha, pela cruz de Jesus Christo... por tudo que quizerdes, mas não evoqueis a alma do velho!

— É bem singular esse receio; pensaes que eu não seja capaz de cumprir um juramento ás cinzas d'um morto, e que o perjurio o faça erguer da sepultura?

— Deus me livre de tal, mas fazei o que peço!

— Bem: juro por tudo quanto existe de sagrado para mim, que seja qual fór o segredo que ides confiar-me, nunca uma só palavra minha o poderá trahir.

— Meu Deus, como é dolorosa e triste esta agonia!

E semelhante ao de um cadaver, o rosto de Paulino estava livido e aterrado.

— Eduardo, começou elle lentamente, este segredo pesa na minha alma ha mais de vinte annos; é uma chama ardente que tem consumido os dias da minha existencia, que tem roubado o somno das minhas noites! O crime tem por berço o delirio, e deixa em paga o remorso.

— O crime! disse Eduardo assentando-se, e encarando fixamente o velho; querereis fazer-me vosso complice, achareis na minha frente algum signal que vos faça crer que poderei ser criminoso?

— Não, apressou-se Paulino em responder, e eu daria o resto dos meus dias para que vós fosseis o mais feliz, e o mais honrado moço portuguez. Todavia eu não posso baixar á campa sem desembaraçar-me d'este fardo horrivel que me pesa; careço d'um peito amigo que enxugue o fel de tantas dôres... mas ainda mais d'uma voz que me perdoe, e só vós podeis fazel-o.

— Eu?!

— Sim, o meu crime... só vós tendes direito a perdoar. Feliz com o vosso perdão, esperarei a morte, e a justiça de Deus.

Eduardo, espantado, não podia antever o que se ia passar. Firme na convicção de que D. Carlos era realmente seu pae, nada podia dar-lhe o menor vestigio do proposito de Paulino. Entre o receio e a duvida dirigiu-se ao homem que tinha diante de si, e que parecia soffrer tanto, e lhe disse:

— Farei tudo que desejaes, não tenho direito de recusar coisa alguma ao pae de Laura!... Comtudo existindo tantos varões experimentados, e que melhor do que eu saberiam consolar-vos, é bem novo para mim que escolhesseis um pobre joven, ignorante dos tormentos da existencia!... Crêde; bem facilmente succumbiria eu ao peso do infortunio, e mal poderei talvez achar palavras d'animo e conforto.

— Só vós, tornou o pae criminoso, herdaes n'este momento de Deus o poder de perdoar; o golpe dado por mim outr'ora feriu-vos também profundamente; a cadêa d'infinitas desgraças que me prende tem o ultimo elo preso á vossa honra.

— Meu Deus! (e o mancebo estremeceu) que desgraça quer o Senhor que pese sobre mim! Fallae, cada instante que passa redobra d'amargor.

— Mancebo nobre e generoso, escutae-me.

— Dizei.

— Tendes vinte annos, começou Paulino, e já soffreis de ha muito... imaginae quanto não terá soffrido o velho que verga já ao peso da idade, e que tem passado todos os dias da existencia de rastos pela estrada da vida, á

mercê d'uma estrella fatidica que o tem despedaçado em cada hora!... Eduardo, Eduardo, vi-me só no meio da multidão social, abandonado de todos, perseguido como fera bravia, repellido como se fora um empestado!...

A sua voz, que se animava crescente, ia acordar-lhe as lagrimas do soffrimento que revolvía agora, as feridas passadas eram rasgadas de novo. O filho adoptivo de D. Carlos começava a sentir ecoar-lhe n'alma um desconhecido interesse pelo desditoso que fallava; quiz interromper-o, moderar-lhe o animo, mas Paulino proseguiu:

— Tinha eu a vossa idade apenas, o passado era nada, o futuro parecia sorrir-me esplendido d'esperanças, e mentiu!... Oh! urzes sem rosas, mais nada. Aos vinte annos morreu-me nos labios o sorriso afortunado, porque me riscara o destino do numero dos felizes... Entrei no mundo n'uma nobre posição, poderoso e rico; os homens conquistavam á porfia o nome d'amigo que eu lhe dava... e partiram apoz a minha alma entre a infamia e o remorso!... Corri a escala da deshonra; ocioso, libertino, jogador, foram pontos de partida para um grande pharol de deshonra e perdição, que teve por corôa assassinato e parricidio!

— Por Deus! bradou Eduardo, não prosigae, que eu, que vos estimava, não poderei fazel-o d'ora ávante... o pae de Laura criminoso... oh! isso é superior ao meu poder... por Deus, não prosigae!

— Filho, filho, continuava o Castigo do Senhor, é mil vezes desgraçado o homem que não luta e vence os abysmos que o mundo abre debaixo dos seus pés, que não tem uma vontade de ferro que destrua a de um adulator que o leva ao crime em nome da amizade, que lhe aniquila o poder inteiro da razão, que se atreve a erguer a voz sacrilega contra um pae, e que achando ecco no coração do filho, o faz desprezar o poder da justiça e da verdade, que lhe diz: «parae!»

— Não posso crer, exclamava o mancebo, não creis vós que assim fizestes!

O medo de encontrar em tal desdoiro aquelle homem que Eduardo julgava impellido a uma culpa a pesar seu, era-lhe de magoa infinita.

— Eduardo, interrompia o velho, fui eu, sim, fui eu; Deus tinha dado tão subido grau d'honradez a meu irmão, quanto me tinha legado em desgraça e deshonra... Lancei fogo á casa em que nasci, cavei o sepulchro de meu pae nas ruínas da minha honra!

— Meu Deus, Deus do ceo, bradava o filho, a tua misericordia é immensa! perdoae, que almas puras pedirão por elle!...

E Eduardo, apertando a mão do infeliz, tentava fazer parar o sangue que lhe manava d'alma, proseguindo:

— Minha mãe rogará por vós; eu, Laura, pediremos por vós... sereis perdoado.

— As cidades expulsaram o criminoso, continuou o Castigo do Senhor, fugi dos homens porque em cada homem me parecia ler uma sentença de condemnação que me votava ao desprezo! Corri pelas florestas, pelos campos e desertos, em busca do socego da minha alma; não me lembrava, filho, que o remorso não abandona nem sequer na solidão. Sósinho, desamparado de todos, repellido pelo mundo que blasphemava contra mim, aspirei a vingança da terra que me tinha fulminado; quiz ser espantoso e terrivel na desforra... declarei do fundo do coração uma guerra sanguinolenta, e uma luta desesperada ás cidades, á sociedade e aos homens! Aonde poderia encontrar guarida e protecção, aonde poderia achar o meio de cumprir esse projecto danado de que se me havia tomado o peito?... As quadrilhas infames dos salteadores destemidos estavam-me abertas de ha muito, abastavam nos arredores da cidade de Leiria; consegui pois o ponto sonhado no meu pensamento, porque o salteador não tem amigos, nem parentes, nem terra natal; o seu punhal mata indistinctamente o estrangeiro e o patrio, declara guerra aos homens de todos os povos, combate o mundo inteiro que se lhe apresenta... e eu repellido de todos, lendo o escarneo e o desprezo no sorriso da multidão, rebellava-me contra tudo e contra todos. Cumpriu-se o meu pensamento, e eu fui salteador!

— Mal haja a hora em que vos vi, tornou Eduardo, julguei-vos um martyr de momento, mas julguei-vos um homem digno da minha estima... O vosso segredo é só meu, mas sois terrivelmente opposto ás leis da honra... Quizera... e Deus me dará forças para vos perdoar. Mas desde esse momento, não tivestes nem um instante de ventura, não é assim?

— Enganaes-vos, Eduardo, no meio das trevas do passado surgiu o astro que me anima hoje; no meio de magoas e tormentos, quando nada tinha a esperar, nem do ceo nem da terra, quando acreditava que Deus me tinha despresado já, deparei na estrada d'espinhos de que se cobre a existencia, o anjo mais puro e divino dos espacos celestes, a mais pura estrella do firmamento, a realidade do sonho d'esperanças dos vinte annos, uma mulher linda e pura... que pura e santamente amei.

— Desgraçada, desgraçada! balbuciou o joven.

Paulino tremeu diante do futuro, parecendo-lhe que a dignidade de um nome sem mancha podia mais no animo do filho, do que poderia talvez o amor do pae. Quiz arrepende-se de começar; não pôde.

— Desgraçada, repetiu, não... porque a idolatrei como o Regenerator dos povos amou a mãe que lhe legara o Omnipotente... que innocente e pura como ella, foi a

pura flor da minha alma. Oh! sim, mas desgraçada... (e corriam as lagrimas do desditoso) desgraçada, porque o meu halito não pôde adejar-lhe em torno sem que fizesse embaciado o seu brilho angelical e sagrado. É meu condão o destruir! Amaldiçoado como Caim, arremesso a desventura aos entes que adoro... Na facha d'infamia que me cingira cingi aquella mulher por meu amor! O peso da deshonra partiu a corôa da pureza... Fui de novo fatal a quem amava... Amei-a, perdi-a! Entregou-se nos meus braços... Acordou para a deshonra! Perdoae, perdoae-me!

E ajoelhado ante o mancebo chorava o Castigo do Senhor. O filho de Luiza chorava com elle; e querendo consolar o vivo remorso da alma torturada do velho, exclamava:

— O amor leva á gloria e ao crime!

— Leva!... Oh! mas foi porque sepulstei no coração os crimes de que me fizera reo. A donzella nobre e santa calcaria o amor do vil... Escuta: seu pae quiz casar... não pude hesitar, declarei-lhe o meu nome, a minha vida infame... e a desditosa chorava, e chorava sem remedio... Pedia-me um nome para seu filho, e eu não lh'o podia dar! O cavalleiro destinado seu esposo pela vontade paternal, ouviu a confissão dos labios d'ella, viu todo o sangue que sangrava da alma ulcerada da virgem que se tornara manchada cedendo a um amor immenso; tremeu, lutou entre a reparação da honra d'uma mulher, e a condemnação de um pae que ia pesar-lhe sobre a fronte desditosa... acceitou sobre os hombros o crime que não commettera, acceitou a dextra impura, diante do mundo, da mulher que fóra minha amante!

— Era uma alma nobre e generosa... como esse procedimento sublime ensina a perdoar!... como eu sinto entrar-me nas veias a alegria gloriosa de tão nobre acção!

— Ouvi ainda... Esse homem... era meu irmão!

— Depois?...

— Esperae.

E o velho erguia a fronte ao ceo, pedindo ao Senhor todas as forças de que então carecia. Depois continuou:

— Eduardo, reuni todo o poder da vossa alma para me perdoardes; se a vossa maldição fulmina o infeliz, verme-heis morto a vossos pés.

— Prosegui.

— Decorreram vinte annos d'angustias e de lagrimas; ao cabo sei que tenho um filho... O nobre cavalleiro já descansava em paz.

Uma nuvem passageira correu pela alma d'Eduardo.

— Acabae.

— Com que direito, amigo, continuou Paulino, chegarei eu a esse homem, filho da minha alma, que amo tanto, e lhe direi: «larga esse nome honrado de que te ensoberbees; cinge-te no manto da minha infamia, que é teu, que te pertence; abraça como pae aquelle que foi a vergonha de Portugal, curva-te de respeito filial diante do bandido, chama-lhe teu pae!...» Não posso, não! Meu filho cuspiria sobre mim desprezo e odio... amaldiçoar-me-hia.

— É impossivel! tornou o joven, a voz paternal ecoa nos corações nobres... elle saberia apenas abrir-vos os seus braços, dar-vos o perdão que lhe pedissem, e fazer-vos esquecer pelas venturas do futuro as miserias do passado.

— Eduardo!... exclamou Paulino.

E abrindo os braços caía ajoelhado aos seus pés. Depois agarrando-lhe as mãos, e regando-lhas de lagrimas, continuou:

— Cumpre a sentença que dictaste, desempenha a tua promessa, cae nos braços de teu pae... perdoae-me, filho, perdoae-me!...

— Ah!...

E o desditoso Eduardo, arrancando as suas mãos d'entre as de Paulino, cobria com ellas o rosto, proseguindo:

— Ah!... que magoa, Deus...

Luiza acabava de entrar. Ella tudo ouvira. Eduardo ao vê-la corre a ella, e pergunta-lhe com rapidez:

— Oh! minha mãe, minha mãe... tudo isto é verdade?

— Tudo é verdade.

— Eduardo, meu filho, disse Paulino, e arrastava-se sobre os joelhos, expiando os crimes d'outro tempo; diz uma palavra, uma só!

Eduardo ergueu os cabellos sobre a sua frente varonil, encarou o ceo, e levantando nos braços o pobre do velho, bradou:

— Deus deu-me um alto mister... perdoar aos vinte annos, quando tanto se carece de perdão!... O lugar de meu pae nunca pode ser aos meus pés, é unicamente nos meus braços. Creio que é a voz de Deus que me falla... é a minha consciencia que me ordena perdoar-vos!

Luiza e Paulino abraçaram seu filho; e se outr'ora disseram

Não rocem labios meus nem mais um riso,
Meu pobre coração ralae saudades,

vivem hoje venturosos

N'esse engano d'alma ledó e cego
Que a fortuna não deixa durar muito.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

ALDA.

Continuação. (*)

IX

Que sentimento será este que no peito se me rebel-
la?

Amor simples da natureza? paixão delirante, para a qual os diques são um brinco, porque em torrente arrebatadora tudo subverte?—Não, que a civilização lhe tem modificado o impulso fervente.

Dizem que o amor conjugal, reflexo pallido, livido como moribundo, só do dever, das circumstancias tira alimento; chamam-lhe facho extinto, onde pelo imperio dos ventos apenas fulge centelha que em pouco se aniquila: chamam-lhe phenix de amor, que se renasce algumas vezes só dura ephemera. Oh! d'esse tal não é o meu amor!

Amor fraterno, que respeita os laços de sangue e da origem, que segue o irmão a toda a parte, que solicita suas conveniencias, que afaga os que o afagam, que é braço copioso de amor paterno? É pouco ainda!

Sinto o que no mundo se pode conceber de mais ardente. Todas as chammas, todos os amores me estão no coração! É o phrenesi d'um louco, e a desesperação de um condemnado; e comtudo ao cabo d'isto certa me está a desdita!

X

Nada lhe disse ainda do que por ella hei sentido. Tel-o-ha adivinhado? Deverci ir com o sopro d'esta voz enturvar talvez a placidez d'aquella vida descuidada? Dizer-lhe que a amo? Manter-lhe illusões traiçoeiras? Esconder-lhe as vestes soturnas do diacono? Disfarçar-me o estado da escravidão, com o traje dos libertos do mundo?

Mandava a razão silenciar o tumulto que me anda no peito, abandonar-me mesmo a este cancro roedor, tanto mais voraz quanto opprimido, e perecer por elle: mas eu livido a razão;

«..... razão não vale

Onde a paixão domina, e quem pretende
Vencer paixões com raciocinio é louco.»

Esquecer aquelle anjo é impossível! Mas que fazer?... Cair-lhe aos pés como peccador penitente? Ouvir d'aquelles labios uma sentença de reprovação? Oh! que isso fóra a fulminação do raio!

XI

Coisa atrocissima me era a incerteza! Esse estado de penivel silencio que me atormentava, saí d'elle: disse-lhe tudo, e Alda não se arredou de mim, ouviu-me!

Disse-lhe!

—Tu sabes, tu conheces, tu presentes, que a necessidade d'amar-te ternamente é connexa á minha pobre existencia!

O peito arfava-lhe, quando isto ouvia. Contavam-se-lhe apressadas as palpações. Pareceu-me ler uma esperanza no rubor que lhe tingia o rosto. Continuei:

—Vê como no coração traços indeleveis me gravaram tua imagem seductora? Porque calas! Porque não allivias com uma só palavra esta duvida, este pesadelo, esta oppressão assassina?

—«Falla... Oh! como é bom ouvir-te!» dizia Alda descorando

—Queres ouvir-me? Mas não queiras maldizer-me porque te amo, e talvez nem posso aspirar á felicidade do teu amor! Ainda arremsado pela adversidade aos mais extremos confins da terra, serás sempre o meu pensamento querido e perenne. Com a lembrança de Deus e da patria resplandecerá a tua; será meu ultimo meditar antes do repouso, meu sonho de toda a noite, primeira idéa ao despertar com a aurora, porque a minha adoração é independente e superior ao teu despreso!

—«Poupa-me...» Disse Alda. «Compaixão para mim! Quereras provar-me mais no desinteresse e na ternura?»

Em extremo commovida estendeu-me a mão, e reclinou a cabeça sobre o meu hombro.

—Como és bella assim, rainha das bellezas que o mundo decanta! lhe tornei delirante. Em meu coração firmaste imperio mais sólido que os transitorios reinos da terra: foram-te os olhos agentes despoticos da tua conquista: beijo as cadêas com que me algemaste!

E dizendo e fazendo beijei soffrego aquelles olhos amortecidos!

—Ouves, meu amor? prosegui. Sabes o valor d'uns olhos palpitantes de vivacidade, intelligencia, e ternura, que immoveis, como os teus, abrangem todo um horisonte, tudo vêem, tudo comprehendem? Cansaste a natureza ao produzil-os, inhibiste-a de crear encantos eguaes!... Que feliz que eu sou!... Que orgulhoso que n'um instante se fez o meu amor!...

E um beijo ultimo, impresso em seus labios, se resolveu todo n'um juramento sagrado!

XII

E tão depressa termina a vida phantastica, para que os padecimentos reaes comecem! Já agora como separar-me de Alda? Junto a si nem grande nem poderoso havia para insombrar-me: longe d'ella o insecto fraco e ignoto me sobrepuja! Se eu pudesse deixar patria e familia, honras e fazenda, para seguir-a a uma solidão virgem, e dizer-lhe:—«Sou teu, e nada virá perturbar a doce paz, que com tamanho amor soubemos preparar-nos!...»

Oh! que insensato que é o homem! É que:

«Amor é como o fogo que mais cresce
Si mais materia abrange. . . .!»

XIII

Aproxima-se a crise terrivel! Este amor que abençoei, e que foi o meu credo e a minha esperanza, vae talvez servir-me de tumba! É preciso dizer-lhe tudo, descobrir-lhe esta mortalha negra que Alda desconhece, e morrer depois! Sinto perto o termo, e desenganos da vida, mas inda abenço o ente angelico que quiz remir-me e não pôde, porque fado mau me condemnou a penas, e, prematuro, me converte á morte! Meus pensamentos e suspiros tudo tem sido de Alda—de Alda será ainda minha ultima oração!

Oh! meu amor! Como fui desditoso! Amei-te e enlouqueci por ti... foste-me idolo... saudei-te com hymnos... reverencie-te como a espirito celeste... e tu, querida, sorriste-me com ternura d'anjos!

Sonho delicioso, porque vae acabar como nuvemzinha solitaria retalhada e extinta pelo sopro da tormenta? É porque não ha esperanza onde o presente e o futuro estão adscriptos á monotonia d'um mesmo destino!

XIV

Quando successão de circumstancias inopinadas nos chamou a uma explicação intima, os labios d'aquella meiga fada proferiram no meio da confusão e do pejo—«eu tambem te amo!»—O que senti ouvindo-a não o direi, e comtudo quando por si esta vida não estivesse a desatar-se do mundo, devera condemnar-me ao supplicio de fugir-lhe!

CONCLUSÃO.

Devora-me a chamma da ultima desgraça! O que se passou desde hontem nem bem o sei: encontro-me preso a um leito de dôres... a cabeça contundida... suffocado pelo ultimo soluço!

Sei que absorto, acurvado por sombrias meditações, quando buscava descanso no perpetuo silencio do côro da ermida, leve rumor me despertou... Junto ao altar ajoelhava um vulto de mulher!

Era Alda!

Nunca me parecera tão encantadora! Silenciosa e meditativa, era o anjo da suave melancolia!

A santidade do logar, aquelle sublime exercicio de piedade, me aconselhavam mudez; mas o acaso que tão perto m'a conduzia, arrebatou-me! Precipitei-me para ella: beijei-lhe, e inundei-lhe as mãos de lagrimas amargas, e succumbi a peso enormissimo de penas, porque a lei da sociedade religiosa me fazia sacrilego este amor!

A um padre catholico nem é dado coração: a primeira prova que a disciplina lhe reclama é o suicidio moral! Pede-lhe a morte do coração, e não cuêda que sempre que o immolam, a alma o acompanha no sacrificio. Morte do coração e perda d'alma!... É tão vil o que depois nos resta, que uma mealha o compra! Oh! isto sobre deshumano, é...

Vi que Alda pasmou ao meu aspecto! Disse-lhe que um abismo estava entre a nossa felicidade commum... disse-lhe que aos vinte e quatro annos de idade era... padre!...

Ambos caímos por terra. Fogo electrico nos fulminara! Só hoje, meio morto, acordo em aposento desconhecido. Dizem-me que Alda desaparecera... que a levaram para longe... que o choque a tornara idiota... que não a verei jámais!...

Perde-se-me a razão... a mão treme... as côres lividas que me retingem os objectos d'emtorço são côres de morte... não posso mais... compaixão, meu Deus, n'este trance d'agonia!...

O IMPERADOR DA RUSSIA.

Tres são as differentes dynastias que no decurso dos seculos tem occupado successivamente o throno do vasto imperio moscovita. Á casa dos Ruriks seguiu-se em 1613 a dynastia dos Romanoff, e esta foi substituida pela de Holstein Gothorp, da qual descende Alexandre II, que subiu ao throno no dia 2 de março de 1855, e foi solememente coroado no dia 7 de setembro do corrente anno. Nasceu em 29 de abril de 1818, contrahiu casamento no dia 28 de abril de 1841 com Maria, filha do fallecido grã-duque de Hesse. Tem actualmente cinco filhos, que são os grã-duques Nicolau, Alexandre, Wladimir, Alexis, e a grã-duquesa Maria.

O celebre escriptor, marquez de Custine, descreve pelas seguintes palavras o seu aspecto exterior:

«As feições exprimem summa bondade; a sua attitudé é nobre, airosa, engraçada e gentil; n'uma palavra é um perfeito typo de principes. Nota-se-lhe modestia sem timidez, o que attrahe irresistivelmente os animos, e desperta sympathias. Este soberano distingue-se entre os homens da sua idade por seu natural attractivo.»

Leruzieu le Duc confirma estas palavras, accrescentando que a graça juvenil de Alexandre II se converteu n'um ar gracioso e de dignidade.

Outro viajante mais moderno diz:

«O herdeiro do throno tem o ar magestoso de seu pae e alguma coisa do regular de suas feições; porém nada do seu ar de fria gentileza. Tem um coração summamente sensível, terno e affectuoso, labios algum tanto grossos, palpebras pensativas, e amor á paz.»

Ultimamente o Times descrevendo a marcha do imperador para o Kremlin, diz:

«Sua magestade é de alto talhe, bem configuradas formas, apesar de na estatura não se parecer com seu pae. No semblante tem muita semelhança com o retrato do imperador Nicolau; não obstante o que, os apaixonados do defunto monarcha declaram que lhe falta a expressão irresistivel e admiravel dos olhos, bem como a dignidade e agudeza da palavra que distinguiam o pae. A imperatriz, que hoje conta trinta e dois annos, tem uma graça natural, uma bondade e doçura que commove todos os corações. No seu traje de setim branco, com o rosto de encantadora pallidez, e olhos cheios de amor, mais se assimilha a um ser angelical do que a humano ente. É de certo uma das mais amaveis princezas que se tem sentado no throno das Russias.»

A.

NARCOTICOS NOS DIFFERENTES PAIZES.

O professor James Johnson publicou ultimamente uma estatística muito curiosa sobre o uso dos narcoticos nos differentes povos.

«A Siberia, diz elle, tem os seus fungos; a Turquia, a India e a China o seu opio; a Persia, a India e a Turquia, com toda a Africa, desde Marrocos até ao cabo da Boa-Esperança, e mesmo os indios do Brazil, tem o seu canhamo e o seu hachisch; a India, a China e o archipelago do Levante as suas nozes e a sua pimenta de betel; as ilhas da Polynesia a sua ava quotidiana; a Nova Granada e as cordilheiras do Himalaya o seu estramonio vermelho e commum; a Inglaterra, a America e o mundo inteiro, pode dizer-se, tem o tabaco; os indios da Florida o seu azevinho; o norte da Europa e America o seu peduun e a sua galha doce; os inglezes e os allemães tem o lupulo e os francezes a alface.

«Não ha portanto nação alguma que desde as mais remotas eras não tenha o seu narcotico habitual; nenhuma por mais longinqua e isolada, que não tenha encontrado nas suas margens um allivio ás suas penas, no seu proprio solo natal um narcotico para distrahir o espirito: nenhuma, por mais selvagem que seja, que o instincto não tenha levado a procurar e empregar com resultado este auxilio physiologico. O uso dos narcoticos é quasi tão universal como o consumo dos alimentos necessarios á existencia

«Pode calcular-se que os differentes narcoticos estão em uso nas seguintes proporções: o tabaco entre oitocentos milhões de homens; o opio entre quatrocentos milhões; o canhamo e hachisch entre duzentos a trezentos milhões; o betel entre um milhão; e a coca entre doze milhões de homens.

«Uma tendencia que tão evidentemente faz parte da natureza humana, accrescenta o chimico inglez, não pode ser reprimida por nenhum meio physico, fiscal ou regulamentar. Pode talvez diminuir-se, mas não poderá nunca extinguir-se. Isto está sufficientemente provado pela infructuosa tentativa feita pelos hespanhoes para suspender o consumo da coca do Peru. Os reis e os padres, que pretenderam prohibir o uso de fumar, não foram mais felizes na Europa e na Asia; e ainda mais moderadamente, a maneira porque foi recebida a cruzada imperial contra o opio mostra a inutilidade d'estas empresas.»

NOVA EGREJA EM HENDON.

Sob a invocação de Todos os Santos erigiu-se uma igreja do culto anglicano, ha pouco acabada, em Hendon, visinhança de Hampstead, com destino a ser curato de uma quantidade de população rural bastante espalhada em relação á superficie da parochia, e á qual ficavam muito distantes outros templos; tambem se fizeram no edificio as accommodações precisas para escola das creanças pobres; e a obra toda levantou-se no curto espaço de oito mezes. A nave tem setenta pés de comprido por trinta de largo e a altura quarenta e seis pés até o tecto, acima do qual avulta o campanario.

M.

Ha para as mulheres duas edades perigosas; a da inexperiencia, quando a belleza começa a brilhar; e a do desengano, quando, ainda innuptas, principia a declinar.

(*) Do num. 49.

HOSPITAL CIVIL DE BILBAU.

Não é nosso propósito fazer a descripção de Bilbao, uma das povoações mais importantes, senão a primeira de Biscaya. Diremos sómente que o seu prospecto é aprasivel; as ruas direitas e bem calçadas; os passeios magníficos, e em summa, possui tudo quanto concorre para se fazer uma idéa muito lisonjeira da terra e dos habitantes.

É provavel que nos occupemos n'outra occasião não só d'esta, mas também d'outras povoações do visinho reino. Agora porém limitar-nos-hemos a descrever resumidamente o hospital civil de Bilbao.

Este edificio, que a nossa estampa representa, é sem duvida o mais magestoso da povoação. Teve principio a sua construção em 1818, sendo traçado pelo architecto D. Gabriel Benito de Orbegoso.

É um parallelogrammo rectangulo, e tem quatro frentes. O portico compõe-se de quatro columnas onde se apoia uma cornija com diversos ornatos da ordem dorica. Em uma lapida, sobre o intercolumnio do centro, ha uma inscripção, no cimo da qual se vê o escudo das armas da villa. A fachada mede 236 pés de comprimento.

Quanto á distribuição interna, corresponde perfeitamente. O amphitheatro, a capella, e a botica, chamam a attenção do visitante. As enfermarias são bem arejadas, e excellentes sob o ponto de vista hygienico. O edificio importou em 100:000\$000.

É um verdadeiro estabelecimento de caridade, porque apar das comodidades que ali gosam os enfermos, tanto quanto é possivel em taes casas, ha desvelo e solicitude da parte dos empregados, o que até certo ponto concorre para mitigar os soffrimentos dos que padecem.

GRUPO EM MARMORE DE M. ETEX.

A capital da França quiz perpetuar a memoria d'um dos maiores flagellos que tem perseguido a humanidade — a cholera-morbus, e convidou um celebre artista, afim de apresentar trabalho que mostrasse o que se pretendia.

Não seremos juizes do merito do autor do grupo que hoje apresentamos. Só diremos que as pessoas entendidas fazem a melhor opinião da obra e do artista.

A figura principal representa a cidade de Paris — cujos olhos, cravados no ceo, imploram a misericordia divina — que abraça, como mãe terna, as duas mais debeis d'entre as victimas — o velho e o menino — ambos os quaes exhalam o derradei-



Grupo em marmore de M. Etex.



Hospital civil de Bilbao.

ro alento, succumbindo á violencia da molestia.

Os semblantes indicam o soffrimento profundo, tanto da cidade de Paris experimentando tão cruel destruição nos seus filhos, como dos doentes affectados da terrivel enfermidade.

Creemos que não é possivel dar maior expressão aos sentimentos intimos. No entanto, repetimos, não seremos juizes do merito artistico do autor.

LYRICA.

Dava-se este epitheto á poesia feita para ser cantada, e acompanhada com a lyra ou cythara pelo cantor, como as odes e outras canções, differencando-se da poesia dramatica ou theatral por ser esta acompanhada por flautas, e cantada por varias pessoas. Hoje até se applica á má prosa alinhada, e algum tanto rimada das operas, e também á musica dramatica e imitativa do theatro.

NOITE.

Na pintura são os quadros que representam uma paisagem sómente alumia-da pela lua, ou uma acção que se passa á claridade de fochos e archotes. Corregio fez um quadro n'este genero, que se chama, por excellencia, a «Noite de Corregio.»

MYTHOLOGIA.

MIMIS, OU MIMIR.

Gigante celebre nas mythologias do Norte. É o deus dos ferreiros, o artista metalurgico por excellencia. Felizes aquelles que elle toma em protecção; empresta-lhes o seu martello, e o mundo fica cheio de primores d'arte. Mimir está no Edda, mettido no fundo d'um poço de ondas clarissimas, onde Odin, o Moncho supremo, tem escondido o seu olho. Todas as manhãs Mimir bebe uma bebida immortal n'aquella prenda que o pae das batalhas lhe abandonou nos abyssos. N'este poço facilmente se reconhece o oceano, onde o sol se esconde. É por isto que toda a sabedoria, e toda a criação vem do poço de Mimir. Com effeito a agua, secun-dada pelo fogo, passava na gentildade, por ser a mãe universal.

LECHIAS.

São genios da antiga mythologia slava, na existencia dos quaes ainda hoje o povo acredita. Passam por ter o tronco de homem, com pernas de bode, orelhas agudas, chavelhos, e barbas, exacta-

mente como os Faunos da mythologia greco-romana. Crescendo ou minguando a figura conforme lhes aprax, podem deslisar-se por entre as ervas sem lhes ultrapassar a altura, ou estenderem-se tanto que confundam as cabeças com as comas das maiores arvores. Habitantes das florestas, formam ás vezes com as Roussalkis ou Roussalkinas (nymphas dos bosques e das aguas, de cabello esverdinhado, ou loiro) danças phantasticas, que prolongam até ao crepusculo da aurora. As vezes tambem estes genios se entreteem em fazer mal aos homens. Se acaso o passo longinquo de um caminhante lhes sóa aos ouvidos no silencio da noite, deixam as Roussalkis continuar na folia ao luar, e attrahem á floresta o transviado viajante, castigando-o por tal modo que immediatamente o matam.

MEROU, ou MAHAMEROU (o grande Merou). É uma montanha celebre na mythologia indica, e que não passa de ser a grande cadêa do Himalaya, idealisada e divinizada. O Merou é a habitação ordinaria do deus Siva; é o proprio Siva; é a columna do mundo; sustenta o ceo, a terra, e o inferno: é o mundo inteiro. Estendem-se ao redor da sua immensa pyramide sete zonas concentricas ou Douipas (ilhas), separadas por outros tantos mares, e delimitadas por sete recintos de montanhas inferiores.

Estas sete zonas são chamadas: — Djambou, cercada de um mar salgado; Kouça, de um mar encantado; Pakcha, de um mar de assucar; Salmala, de um mar de cerveja clarificada; Kraouncha, de um mar de leite coalhado; Saka d'um mar d'ambrosia; Pouchkara, d'um mar d'agua doce. A zona Djambou tira o seu nome da magnifica arvore da vida, das raizes da qual manam os quatro grandes rios, d'entre os quaes o mais sagrado é o Ganges, que circunda a terra sagrada de Bharata (a India).

Outra classificação conta nove grandes zonas ou Khandas (regiões); e ha ainda terceira classificação que só admite quatro, chamadas Mahadouipas (grandes ilhas), classificadas nos quatro pontos cardeaes, con-



O imperador da Russia.

tendo cada uma sua arvore da vida, e regadas por um dos quatro grandes rios, que nascendo d'uma origem commum, se lançam do alto do Merou pela guela de quatro animaes — a vacca, o elephante, o leão, e o cavallo. Estas quatro ilhas formam os quatro flancos da montanha universal. A do norte, Outtarakourou, é encarnada; a do este, Bhadrava, é branca; a de oeste, Kotoumala, é parda ou negra; a do sul, Djambou, é amarella — o que as põe em relação e na mesma ordem com as quatro castas indianas Kchatrias ou guerreiros, Brahmas ou padres, Soudras ou escravos, e Vaicias ou artistas, distinctas pelas mesmas cores, e na mesma ordem.

Siva, que habita no Merou não differe de Baccho. Deonach, um dos sobrenomes do deus indio, é o mesmo nome da divindade grega Dionysios, e a coxa de Jupiter (*méros* em grego) e na qual Baceho andou algum tempo, aproxima-se muito do nome Merou dado áquella montanha.

MABOIA.

Se ouvirdes retumbar nos ares o trovão, e virdes as arvores vergarem ao tufão da tempestade, sabei que é o Maboia (na opinião dos Caraíbas) que se diverte em perturbar a natureza. Quando ha eclipse do sol ou da lua, é ainda o tal Maboia, que estende para estes astros a pata armada de garras. Quando ha no mundo doenças, pestes, e fomes, não se culpe mais ninguém senão o Maboia. Até ás vezes se diverte em baixar á terra em figura humana, e rondar em torno das cidades, para agarrar algum habitante desgarrado, que então maça a bom maçar. Para este deus não ha orações nem amoletos. Quereis abrandal-o? Enterraes ate ao cabo uma faca no ventre, e mostrando-lhe assim o vosso respeito, pode ser que seja perdoado. Experimentae!

A paciencia é o unico remedio contra os males, que não tem remedio.

O fio da vida é forte no centro, é fragil nos extremos.



Bucharest

NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES.

CONTO SEGUNDO.

A CAMISA PICADA.

Continuação. (*)

IV

A BRUXA DA TAPADA.

Tomemos o fio dos tres capitulos antecedentes, e atemol-o ao que vae seguir-se.

A velha Dorothea fallara a verdade. Não affirmamos — nem negamos — se ella tinha praticas com o demo á meia noite; mas o que era indubitavel é que ella provava saber tudo o que se passava de mais intimo e recondito com a familia do sapateiro Jacintho, assim como mostrava ser a chronica viva, commentada e elucidativa de todos os episodios, occorrencias e incidentes que se davam na villa, ainda os mais fortuitos, ou que, por mysteriosos e obscuros, eresciam e morriam ignorados dos animos incansavelmente curiosos, verdadeiros inquiridores de todos os escandalos ou fiscaes officiosos dos menores actos da vida privada e publica nas povoações pequenas.

Pois não era porque a tia Dorothea saisse do seu casebre, lá na quebrada que ficava no caminho da Tapada dos duques de Bragança, para vir inquirir á villa o particular das familias. Era, pelo contrario, esse particular, nos seus capitulos mais repugnantes e extraordinarios que possam ter por motor os segredos do coração da mulher ou os desvarios do caracter do homem, que ia procurar ao seu antro a *bruxa da Tapada*, como lhe chamava a gente credula, e ia procural-a como reveladora, conselheira e guia de seus destinos.

Era a isto que n'aquella epoca se chamava uma feitiçeira; que ainda agora se appellida de *mulher de má vida*; e que a phrasologia despreoccupada e positiva da actualidade intitula por certo espirito de industrialismo especulando com as tendencias da superstição popular.

Ora a nossa bruxa — appellidemol-a assim, visto que assim era conhecida — amava perdidamente Carlota, a sympathica e graciosa sobrinha de mestre Jacintho. Mas esta amizade tornava-se uma contradicção flagrante n'uma alma inscripta com letras de sangue no livro negro de Satanaz. Existir qualquer sentimento de affecto generoso e santo n'um peito aberto ás communicações do inferno, era uma incoherencia que levava a profundas cogitações as curiosidades mais aguçadas das pessoas que sabiam do facto, e que ao cabo de graves ponderações concluam, não em favor de Dorothea, a quem não queriam conceder sequer o sentimento affectuoso da estima, mas em detrimento de Carlota, a quem diziam ligada á velha, tambem pelos laços e pactos nocturnos do terrivel sabbato da republica feminina de Belzebú.

Mas a verdade era que Dorothea havia creado a prima de Agostinho, e tinha-lhe um amor, que nem se fóra sua filha.

A historia que ligava as duas era um d'estes dramas, triviaes nos campos e nas provincias, mas quasi impossiveis de reproduzirem-se nas cidades, porque n'elles a superstição e os preconceitos do caracter aldeão modificam o sentimento e lhe dão uma expressão peculiar.

Tomemos a narração de mais alto

Dorothea nem sempre fóra tida por bruxa, e ainda menos fóra aquella velha achacosa, decrepita, de sobre-cenho sinistro e repellente, que denunciava como os desgostos e aborrecimentos que se lhe revolviam na alma em luta intima contra muitas das coisas d'este mundo.

Dorothea na sua mocidade fóra uma rapariga guapa e louçã, de imaginação vivaz, audaciosa de acção, alegre e risonha.

Por ter sido educada em casa do antigo reitor da Misericordia sabia ler; a este dote juntava uma memoria de anjo, o que concorria para que ella soubesse mais contos, narrativas e historias do que a ama do famoso cura amigo de D. Quixote, e que fosse mais forte, atilada e oportuna na applicação de proverbios e annexins do que a velha de Molière.

Com estes predicados, Dorothea era, se pode dizer, um livro vivo para todas as suas companheiras. Nas longas noites de inverno, quando o nordeste gemia em rajadas pelos esteveas, ou a chuva caía a cantaros nas vielas da villa, as longas e arrastadas horas do serão pareciam breves passadas em roda de Dorothea, onde se reuniam todas as raparigas da villa a escutar-lhe as historias, que ella, como ninguem, entretecia e enramalheta-va de episodios seus.

Os proprios velhos a ouviam com prazer, deixando-se enlevar pela gentileza d'aquella phantasia, tão facil em achar na palavra um interprete imaginoso e attractivo.

Entre as raparigas amigas de Dorothea havia uma, que mais do que todas as outras possuia as suas predilecções: era Justina, irmã de mestre Jacintho, que já a esse tempo trabalhava pelo officio, mas ainda não intercalava as suas horas de trabalho com as explosões de ra-

bugice e azedume que o tinham tornado tão proverbial ultimamente.

A irmã do sapateiro era uma d'estas almas ternas e apaixonadas, que mais parecem viver no seu mundo interior, voando sempre para horizontes desconhecidos de desejos e illusões, do que partilharem dos accidentes da existencia que as rodeia.

Se vivesse na cidade, e agora, chamavam-lhe *romantica*; mas como vivia estranhada n'uma provincia, e quando o romanticismo era uma febre que ainda não consumia as almas das mulheres em Portugal, a gente que a conhecia julgava ter explicado tudo, chamando-lhe doente até á idade de doze annos, e d'ahi em diante, asseverando que ella andava enamorada.

O caracter d'estas duas raparigas, dessimilhante na apparencia, identificava-se todavia nos seus pontos de relação mais intima, e os vóos da phantasia de uma, e as tendencias reflectivas da outra, eram como dois extremos que, pelos seus mesmos excessos, se contrabalançavam, neutralizando-se.

Uma tarde estava Justina mais contemplativa e abstracta do que nunca.

Dorothea chegou-se junto d'ella, e fitou-a por alguns momentos.

No semblante da sua amiga havia a expressão de uma angustia viva e profunda.

— Que tens, Justina? Será possivel que nós sejamos tão boas amigas, e que tu me escondas o mal que te consume?

— Que tenho?... Nada. Tu não vês que não tenho nada?

Estas palavras da pobre rapariga foram porém ditas com a ingenuidade sympathica de um coração que soffre. No sorriso contrafeito com que ella pretendia disfarçar a sua magoa, havia mais a confissão do que a negação de uma dor intima.

— Mas porque és reservada assim comigo, Justina? Julgava que te merecia mais.

Dorothea afastava-se já, pesarosa de não merecer a confiança da sua companheira de infancia, quando esta se ergueu e lhe tomou as mãos.

— Olha, senta-te aqui, lhe diz ella, e ouve: mas has-de guardar segredo. Deus nos livre que meu irmão Jacintho soubesse o que vou dizer-te.

— Então é alguma desgraça que te aconteceu, Justina? acode Dorothea na vivacidade de uma incerteza dolorosa.

— Pois fortunas a mim?!... Quando viste que eu as tivesse?

A melancolia, mas a melancolia que é como a saudade de um bem que de todo se esvaece, estava pintada com traços profundos no rosto da sympathica rapariga. Nos olhos borbulharam-lhe duas lagrimas.

— Tu fazes-me medo! exclama a afflicta Dorothea, percebendo que ia ouvir um segredo que talvez resumisse a sorte da sua amiga.

— Ah! tens medo?!... que farei eu.

— Mas dize... o que é?... Conta... aqui ninguem nos ouve... É impossivel que essa desgraça seja tamanha que não tenha remedio.

— Tem: eu já sei o remedio que ella tem!...

E um aceno sinistro de cabeça completou a phrase.

— Tu estás louca, Justina! Esse teu genio melancolico mata-te. Não vês senão coisas más em roda de ti. Tens uma imaginação exaltada.

— Tenho; e foi essa imaginação que me perdeu, porque se eu pensasse mais, se não corresse tão veloz atraz dos sonhos d'esta minha desgraçada cabeça, já agora eu não estava...

— Não estavas o que? rapariga, acudiu, erguendo-se Dorothea, como tocada de um presentimento fatal.

— Não estava perdida!

— Perdida!... tu perdida, Justina?

— E por um homem que nem bem conheço.

— Oh minha pobre amiga! Tão nova e já desgraçada!... Mas então não conheces esse homem? Que mysterio é esse? Como é isso possivel?

As lagrimas tinham afogado a voz a Justina. O seio arfava-lhe na anciedade de uma luta intima.

Era a afflicção suprema, soccorrida pela amizade, o quadro que offerecia o grupo das duas amigas abraçadas e soluçando.

— Mas ouçamos essa triste historia, diz por fim Dorothea, reassumindo a superioridade de espirito que a tornava notavel entre todas as suas companheiras.

— Eu te conto! Ha um mez... era um domingo... tinha eu ido passear para as bandas da Tapada em companhia de Brazia, quando ao chegarmos mesmo ao pé da quinta do Marquez nos sae da azinhaga defronte um bello mancebo, a correr esbaforido, assim como quem procurava alguma coisa. Mal deu com os olhos em nós, pára, e dirige-nos estas palavras: — Digam-me, meninas, viram por aqui passar um galgo todo preto? — Eu fiquei sobresaltada, mas Brazia respondeu-lhe logo que não tinhamos visto coisa alguma. Elle pára, fita os olhos em mim, e de tal maneira se poz a olhar-me que eu senti que me subia a cor ao rosto. — Que bonita rapariga! Quem é esta menina? continuou voltando-se para Brazia. — E' uma amiga minha, irmã do mestre Jacintho... Ah! o sapateiro de Villa Viçosa: bem sei. — N'isto tornou a cravar os olhos em mim de uma maneira que parecia que

despedia lume ás faces e proseguiu nas suas pesquisas, depois de dizer estas palavras: — Adeus: vou ver se sempre encontro o meu Achilles. — Nós ficamos pasmadas d'esta aventura e voltámos para casa.

— E Brazia não o conheceu? interroga Dorothea, tão curiosa como se fizesse parte da aventura.

— Não; nenhuma de nós o conheceu. Mas ouve. N'essa mesma noite, estava eu a pensar, e se queres que te diga com sinceridade, minha Dorothea, prosegue a irmã de Jacintho, trocando a sua habitual pallidez por uma graciosa tintura de carmim, era n'elle, era no mancebo que tinhamos encontrado de tarde que eu pensava, porque elle era gentil e sobretudo tinha uma falla que prendia... Mas como eu ia dizendo, n'essa mesma noite estava eu á porta, quando vejo chegar-se uma sombra proximo de mim. Olho, e vejo um vulto de homem embuçado. — Em que pensa? me disse este homem. Não é por certo em mim. Era elle, era o desconhecido. Eu fiquei assombrada, sem atinar com o que responder. — Metto-lhe medo? — Não, meu senhor; mas estava bem longe de o esperar agora aqui. — N'isto, meu irmão ouve fallar, e grita lá de dentro: — Quem está ahí á porta? — O desconhecido afastou-se immediatamente, mas não sem deixar cair um objecto; e eu fiquei enleada. Vendo, porém, que meu irmão ficara socegado, corri a apanhar o objecto.

— E o que era? pergunta Dorothea, cada vez mais empenhada no desenlace d'aquella estranha narração.

— Era uma carteirinha de veludo carmesim.

— E dentro o que havia?

— Havia um papel e um anel de oiro.

— E o papel estava escripto?

— Estava; mas como eu não sabia ler, guardei a carteirinha e o anel e corri a casa de Brazia para ella m'a ler. Ella assim que principiou a ler, ás primeiras palavras, riu-se ás gargalhadas e disse-me que era uma carta de amores. Perguntou-me sorrindo-se maliciosamente quem m'a tinha dado; e eu contei-lhe tudo. Foi a minha perdição: aquella rapariga infame foi a minha desgraça.

— O que?... Brazia?

— Sim, Brazia. Ouve. Depois d'esta scena, o desconhecido ainda passou mais uma ou duas vezes pela minha porta, e sempre á mesma hora: mas eu via-o por dentro da rotula e elle não me via. Mas passados alguns dias vou a casa d'aquella perfida amiga e reparo que ao aproximar-me saía de lá um homem embuçado. Pareceu-me reconhecer n'aquelle vulto o desconhecido. Entrei; e Brazia ficou sobresaltada: — Por que vejo incommodote! lhe disse eu. — Não; ia até a tua casa convidar-te para comeres morangãos. Trouxe-me agora mesmo meu padraсто um alcatruz d'elles. — Pois que? era teu padraсто que saía agora d'aqui? — Era, sim... mas tu viste-o?... replicou ella fazendo-se branca como uma estatua. Conheci então que havia um segredo que me queria occultar. Para te fallar com franqueza, minha querida Dorothea... tive ciúmes. Eu não sentia amor pelo mancebo desconhecido, mas... mas... se queres que te diga, esperava-o com anciedade mesmo por dentro da gelozia; via-o passar e olhar para a janella com uma certa satisfação. N'esse momento, nossos olhos não se encontravam, mas eu sentia todo o calor nas faces que o seu olhar me tinha acendido no dia do primeiro encontro, como se elle os cravasse em mim. Depois, vél-o sair de casa de Brazia... embuçado e a occultas!... Assim estava a ruminar com a idéa, quando Brazia me apontou para os morangãos, com um sorriso velhaco. Não sei porque, mas senti raiva áquella mulher. Tu sabes o quanto eu sou perdida por morangãos, mas a modo que havia um braço occulto que me repellia d'elles. Um presentimento me dizia que não lhes tocasse. Mas não me pude vencer. Eram tão formosos... Cheguei-me e comi alguns. Ainda bem não me haviam passado da garganta que senti uma molleza apossar-se-me do corpo todo. Sentei-me, attribuindo aquillo ao que se tinha passado. Mas d'ahi a pouco já não era molleza, era uma somnolencia, depois... dormi.

— Dormiste? atalha Dorothea, maravilhada.

— Dormi, esó para acordar perdida... deshonrada!... Aquella infame tinha-se vendido ao mancebo desconhecido. A sua casa fóra o logar escolhido para a minha perda. Nos morangãos havia bruxaria!...

Continua.

ANDRADE FERREIRA.

COROAÇÃO DO IMPERADOR ALEXANDRE II EM MOSCOW.

Continuação.

II

No dia immediato á entrada do imperador no Kremlin só ha a mencionar uma solemne procissão do clero, conduzindo em andores muitas imagens precedidas e seguidas de pendões e estandartes. Os padres gregos, que iam em alas, revestidos de riquissimas opas bordadas a oiro eram em numero difficil de contar. As vestimentas tinham todas um corte quasi equal, e portanto os sacerdotes unicamente se differenciavam nos barretes e mitras.

No dia seguinte houve uma parada de todos os cor-

(*) Do num. 49.

pos da guarda imperial e alguns regimentos de granadeiros, n'uma extensa planície ao noroeste de Moscow. As onze horas da manhã já as tropas tinham occupado as suas respectivas posições; a infantaria em columnas, a cavallaria na ala direita, e a artilheria no centro. O concurso das carruagens, e de gente de pé para assistir ás manobras era innumeravel. Para a familia imperial destinara-se um pavilhão em ponto adequado.

Seria uma hora da tarde quando o imperador se apresentou com o seu sequito, e percorreu a linha de batalha, desde a ala direita até á esquerda. A tropa, com as armas apresentadas rompeu em entusiasticos vivas, tocando ao mesmo tempo todas as musicas o hymno nacional. Depois de o imperador passar revista ás divisões, dirigiu-se ao local onde se levantava o pavilhão imperial, cumprimentou sua esposa, e depois de se collocar com o seu estado maior á esquerda do pavilhão, principiou a tropa a desfilar, rompendo a marcha a ala esquerda. Na frente vinha um esquadrão da guarda civil montada em excellentes cavallos. Traziam capacetes, e uniformes de azul celeste com voltas e vivos brancos. Seguia a guarda imperial tcherkessa com suas cotas de malha; o corpo dos cadetes em força de tres batalhões com dois grã-duques nas suas fileiras, e era para ver como estes moços guerreiros rivalisavam no porte e gravidade com os mais veteranos soldados das outras divisões.

Quando a infantaria desfilou tambem despertaram muito interesse os celebres regimentos de Preobraschenski e Pawlowsky. O primeiro, é o mais antigo do exercito russo; foi creado por Pedro o Grande, a quem prestou serviços de grande valia. Os soldados d'este regimento tem de estatura, termo medio, seis pés e meio, e mais os eleva o capacete preto, com adornos doirados, e chorão de elina. A farda é de panno verde escuro, correame branco e calça da mesma cor. A banda de musica tem um magnifico fardamento, que se pode dizer phantastico, e o seu tambor-mór é realmente um gigante. O regimento de Pawlowsky compõe-se de individuos que são o legitimo typo russo, e usam umas barretinas agudas com suas respectivas chapas, mui semelhantes ás dos granadeiros de Frederico o Grande, e quando marcham para a parada vão sempre de bayoneta calada. As chapas que acima dissemos, quando atravessadas por alguma bala são guardadas com uma religião como se fóra objecto sagrado. Ha chapas d'estas, e que se mostram com grande curiosidade, atravessadas por quatro balas nas guerras do reinado de Catharina II, e nas campanhas de Suarrow, nas quaes este corpo se distinguio admiravelmente.

Tambem foi muito admirado o regimento dos guardas-marinhas; porém os corpos que mais atrahiram o interesse dos espectadores foram os batalhões de milicias da familia imperial. São atiradores, armados de excellentes carabinas, compondo-se o uniforme de um gorro, farda verde escuro, e calça branca por baixo da bota. O regimento finlandez com os seus soldados de baixa estatura, reforçada, e tez fina formava um admiravel contraste. Os officiaes tambem são finlandezes, e as vozes do commando dão-se em sueco.

Depois da guarda imperial vinham os granadeiros, d'entre os quaes os batalhões ultimamente creados, caçadores e sapadores, são os de maior ostentação. O desfile da guarda imperial durou mais de uma hora, e meia o do corpo de granadeiros. Cada uma d'estas divisões era seguida pelas respectivas baterias de campanha, todas com peças de bronze montadas em carretas pintadas de verde. Cada uma d'estas baterias compõe-se de oito peças de calibre doze. As doze baterias levaram exactamente meia hora a desfilar.

Seguiram-se-lhes os ginetes guardas da pessoa do imperador, com seus uniformes de uma magnificencia e riqueza quasi fabulosas, que romperam a marcha dos doze regimentos da cavallaria da guarda que seguiram in continenti. Todas estas tropas tinham um excellentes equipamento, porém desbancou a todos nos homens e cavallos, o regimento de husards do Grodno. Tambem os granadeiros da guarda, os sapadores a cavallo, os couraceiros, hulanos, husards e cossacos nada deixaram a desejar.

Depois de desfiliarem por diante do imperador, cada esquadrão variava de direcção sobre a esquerda para ir formar uma linha na planície que se estendia na distancia de meia legua. Formados já estes corpos de cavallaria em ordem de batalha e em frente dos regimentos de infantaria, romperam aquellas massas armadas em estrepitosos vivas, a um signal dado, e executaram depois varias manobras. Era um espectáculo magestoso e imponente. O effeito era arrebatador. A terra parecia tremer quando aquelles quinze mil cavallos deitaram a galope pela planície. Avançaram depois, como se fóra uma onda do Atlantico para o ponto onde estavam o imperador e os espectadores. Assustado o povo com este movimento retirou-se precipitadamente, mas não havia motivo para isso, porque sendo os cavalleiros perfeitamente senhores d'aquelles ferozes cavallos, pararam todos quando se lhes deu a voz de alto, como se fóra um só, não se lhes vendo hesitação, o que arrancou ao publico entusiasticas aclamações.

Concorreram a esta parada setenta e cinco batalhões e meio de infantaria, oitenta e quatro esquadrões de cavallaria, noventa e seis peças de artilheria de pé, e qua-

renta montada. Pode conjecturar-se da perspectiva d'este campo quando se recordar que o numero de soldados era superior aos exercitos que batalharam em Alma e Inkermann.

Nos dias 2 e 3 houve outras revistas, paradas, corridas de cavallos, saraus etc. No dia 4 teve logar a primeira cerimonia do bando da solemne coroação do imperador. As nove horas da manhã formou-se o cortejo na praça do Senado dentro do Kremlin, pelo seguinte modo: no centro da praça apresentou-se montado o general Osten-Sacken: á direita, algum tanto á retaguarda, formou um esquadrão de guardas da pessoa do imperador, á esquerda um esquadrão da guarda imperial.

Na frente do general estavam dois secretarios do senado, e á esquerda e direita do mesmo chefe superior um grã-mestre de ceremonias, um arauto ou rei d'armas, e mais dois mestres de ceremonias, e á retaguarda do general quatro trombeteiros com trombetas de prata. Os mestres de ceremonias traziam fochas tricolores bordadas a oiro; os reis d'armas estavam tão phantasticamente ataviados como os antigos grã-mestres d'armas do seculo xv. Achando-se todos no seu respectivo posto, o general levantou a mão direita e deu em linguagem russa uma voz de commando, e então os trombetas tocaram os seus instrumentos, os arautos levantaram as maças, e um dos secretarios, descobrindo todos os circunstantes a cabeça, leu a seguinte proclamação!

« O nosso mui augusto, alto, e poderoso senhor, o imperador Alexandre Nicolawitsch, achando-se sentado no throno dos seus antecessores, e de todas as Russias, e da Polonia, e da Finlandia, que são inseparaveis, dignouse mandar que a sua coroação e preito de juramento tenha logar n'este sitio no dia 26 de agosto, tomando parte na cerimonia sua augusta esposa a imperatriz Maria Alejandrowna. Este solemne acto foi annuciado a todos os seus fieis subditos, para que n'este tão feliz dia redobrem o fervor de suas orações ao Rei dos reis para conceder seus favores e benções ao reino de sua magestade, e mantenha, em quanto existir, a paz e a tranquillidade, para gloria do seu santo nome, e prosperidade do imperio. »

Depois os arautos lançaram ao povo milhares de exemplares impressos da proclamação, e os trombetas entoaram o hymno « Deus conserve a vida do Czar, » o povo deu vivas, e muitas pessoas ajoelharam para dirigir seus votos ao ceo pelo bem estar do imperador e felicidade da patria. Depois passou o cortejo á praça onde está o monumento de Minin e de Pojarsky, onde se tornou a ler e distribuir a proclamação. Terminado este solemne acto passaram os mestres de ceremonias e m magnificas carruagens e vestidos de rigorosa gala á s casas dos diferentes embaixadores para lhes dar conhecimento de que a coroação do imperador teria logar no proximo domingo.

No dia seguinte se repetiu a cerimonia da proclamação, porém o imperador não appareceu n'esse dia, porque esteve recolhido no seu palacio para se entregar ás praticas religiosas, e despachar com os seus ministros.

Continua.

BUCHAREST, CAPITAL DA VALAQUIA.

Pelo nome geral de principados do Danubio são communmente designados os dois territorios da Moldavia e Valaquia, situados entre a Turquia europea, a Austria e a Russia, funesta visinhança, porquanto se agasos se vêem livres de uma d'estas potencias, resulta serem inquietados pela outra; ha pouco os vimos theatro de campanha em que se disputavam interesses estranhos, e ainda permanecem occupados por um exercito austriaco.

São um desmembramento da antiga Dacia conquista dos romanos, que ahí deixaram obras colossaes e os vestigios da sua lingua, que bem se reconhece na que falam os povos dos principados, a que tambem modernamente se dá o nome de Romania. Governados por muito tempo e com varia fortuna por soberanos seus naturaes, vieram a cair depois de successivas guerras sob o dominio da Turquia, e pelo tratado de 1460 ficaram seus tributarios, até que no decurso do seculo xvi foram gradualmente despojados das suas leis fundamentaes e de seus direitos civis e politicos.

Podiam os sultões ter feito das duas provincias dois governos de pachás, mas preferiram collocar á frente das mesmas os seus cegos instrumentos ou antes escravos, os espoliadores fanariotas, que assim chamam os descendentes dos gregos que se deixaram ficar em Constantinopola depois de tomada pelos turcos em 1453; foi-lhes posto o nome em razão do bairro de Fanar marcado para sua residencia; cultivando as linguas, e por esta prenda servindo de interpretes, grangearam os mais abastados servir varios cargos conferidos pelos soberanos turcos; e por ultimo dois d'elles compraram a investidura dos governos da Valaquia e da Moldavia, que á desde então ficaram como umas herdades que o sultão arrendava a quem mais desse, sendo o cargo de hospodar, governador ou principe, posto n'uma especie de almooeda. Escusado é referir as consequencias de tão funesto systema, que facilmente se inferem. Só no periodo decorrido de 1716 a 1822, mais de quarenta d'estes escravos despotas foram alternativamente nomeados, destituídos, ou degolados; só um morreu tranquillamente no governo que se

viu obrigado a comprar por varias vezes para conservarse. Todavia, a contar de 1775, os moldo-valacos encontraram um poderoso protector, talvez demasiado poderoso. A Russia obteve que os hospodares fossem nomeados pelo menos por sete annos, o que sustentou pelas armas em 1806, fazendo occupar pelas suas tropas os principados, que só retirou na conclusão do tratado de paz celebrado em Bucharest, que estendeu até ás margens do Pruth o seu imperio. Mas então os grandes acontecimentos da epoca desviaram-lhe a attenção para objectos mais importantes, e ganhando a Turquia preponderancia na margem esquerda do Danubio, os fanariotas continuaram nas extorsões costumadas, a Porta no seu arbitrio e capricho, e a Moldo-Valaquia na oppressão e abatimento. Por ultimo reconheceram a Turquia que os seus agentes lhe não mereciam conceito, e mandou a cada provincia eleger sete candidatos seus naturaes, dos quaes o sultão escolheu Gregorio Ghika para a Valaquia e João Stourza para a Moldavia. Pela primeira vez depois de um seculo recuperavam os principados a posse da sua soberania exercida por principes indigenas; porém, não lucrou com isso, proseguindo os abusos inveterados; por accrescimento de males, novamente occupados em consequencia do rompimento entre a corte da Russia e a Porta Ottomana em 1828, quatro flagellos os devastaram ao mesmo tempo; a fome, causada pelo enorme aprovisionamento dos exercitos russos, a peste, que estes importaram da Turquia, a epidemia dos gados, e um inverno rigorosissimo.

Finalmente o tratado de Andrinopoli em 1829 inaugurou era nova para a Moldo-Valaquia; porquanto, quaesquer que fossem as intenções secretas e pensamentos reservados da Russia, lhe restituiu a independencia plena do territorio, a demolição das fortalezas de Braila, Giurgevo e Tourno e o direito de pescar, navegar, e abrir portos no Danubio, gosando d'este rio até ao meio da corrente, segundo a demarcação fixada; obtiveram mais cada uma das provincias seu principe soberano vitalicio, e o poderem ter exercito e bandeira nacional, e organisarem uma constituição privativa; o que tudo foi ampliado e confirmado por segundo tratado, o de S. Petersbourg em 29 de janeiro de 1834, reconhecendo o sultão a constituição dos dois estados, e percebendo tamsómente como suzerano o tributo de tres milhões de piastras (proximamente cento e vinte contos de réis).

Agora, depois da campanha tremenda e tão guerreada como vimos pelas nações mais poderosas, depois de um tratado que se ajustou, mas que não está em pleno cumprimento de todas as clausulas, ainda se ventila se as duas provincias hão de formar um só estado ou dois separados e independentes com seus principes particulares; em todo o caso ficam sob a inspecção, protecção e vigilancia das potencias signatarias do tratado ultimo, isto é tutelados, que não pode haver peor coisa.

Bucharest, cuja vista damos, é a capital da Valaquia; dista setenta leguas da costa do mar Negro, dezoito do Danubio, e cem de Jassy, capital do outro principado, a Moldavia; está n'uma vasta planície e passa lhe pelo meio em todo o comprimento, dando agradaveis voltas o rio Dimbowitza, cuja agua é excellente. É muito espalhada, e pelo espaço que occupa poderia abranger duzentos a trezentos mil habitantes; mas, pouco mais de cem mil contera, se merecem credito os modernos recenseamentos. A maior parte das casas são de um andar ainda as apalaçadas, e á excepção de poucos edificios, são construcções informes, fabricadas de tijolos consolidados com cal e madeiras; e assim de proposito as fazem, por causa dos terremotos, frequentes e violentos n'esta região; quasi todas tem quintalões, ou são cercadas de terrenos incultos; por estas circunstancias e as numerosas praças publicas occupa a cidade largo campo. As ruas são tortuosas, com pouco ou quasi nenhum aceio, mal policiadas, como geralmente em todas as terras populosas do Oriente.

M.

ANACHRONISMOS NA PINTURA.

Para mostrarmos quanto o estudo da historia antiga é necessario aos que se entregam á nobre profissão da pintura historica, apresentamos aqui varios anachronismos que se notam em alguns quadros.

Tintoret fez um quadro representando os israelitas recolhendo o maná no deserto. Para dar elegancia ao quadro armou os hebreus de espingardas!

Lafranc pintou aos pés de Jesus, ainda menino, um padre da igreja catholica revestido de sobrepelez.

Paulo Veroneso fazendo um quadro das Bodas de Caná, introduziu entre os convidados os religiosos beneditinos que lhe tinham encomendado o quadro.

Houve um pintor, que tomando para assumpto o cerco de Troya, se lembrou de assentar artilheria contra as suas muralhas.

Outro, pintando a scena do Calvario, apresentou um padre, com o crucifixo na mão direita, a exhortar o bom ladrão!

O sublime Raphael, no seu quadro de Heliodoro agoitado pelos anjos, e expulso do templo de Jerusalem, o que se passou cento e sessenta e seis annos antes de Christo, pintou o papa Julio II dirigindo-se para o templo.

Ainda nos lembra ver um quadro de azulejo no sitio

aqui em Lisboa conhecido pelo nome de Milagre de Santo Antonio, na encosta do Castello, representando o Santo portuguez, no acto de vir livrar seu pae da forca. O pintor lembrou-se de fazer acompanhar o penitente de uns padres jesuitas, ordem que principiou a sua existencia um seculo depois do celebrado milagre.

Na sacristia da capella dos Terceiros de São Francisco no Largo do Carmo, ha um propheta Elias em vulto, vestido com o habito de uma ordem religiosa, e calçado com umas botas que fariam honra a um sapateiro do nosso seculo.

E quantos anachronismos não encontraríamos d'esta ordem, se bem estudassemos os quadros e santos que ahi temos pelas egrejas?

A.

PAYÉ-TOMÉ.

TRADIÇÃO.

É uma antiga tradição no Rio de Janeiro, que um velho branco, ou vestido de branco (que deve ser a mesma coisa) abordoado ao seu cajado, aportou áquellas praias. Ia do paiz dos Guaranis (Oriente) e percorria aquellas paragens para ensinar os homens a vestirem-se, edificarem casas, e cultivarem a mandioca. Se era só para isto confessaremos que o velho era um ratão de bom gosto, porque não tinha achado coisa melhor em que empregar o seu tempo.

Diz, porém, a lenda, que o velho estacara em Cabo Frio, e que maltratado pelos habitantes d'estas paragens, se retirou para o norte, e desde então nunca mais se tornou a ouvir fallar d'elle. D'aqui se vê que era medroso.

Talvez não fosse assim, e então, de certo, era feiticeiro, porque as povoações que o expulsaram, depressa se arrependem da crueldade com que o trataram. Foi d'este arrependimento que se seguiu trocarmos o antigo nome pelo de *Tomé*, e ainda depois chrismarem-se no de *Tupinambás*.

Seja como fór, a tradição foi aproveitada pelos jesuitas. O nome de *Payé-Tomé* serviu-lhes para fazerem depender a civilização do Brazil do apostolo S. Thomé. Sendo assim, piedosa é a fabula que nos trouxe ao gremio da religião milhares de irmãos nossos.

CHRONICA SEMANAL.

— No dia 13 precipitou-se um individuo da cortina do largo das Côrtes. Não fallecendo immediatamente gritava porque o acabassem de matar. Foi condempnado n'uma ma-a para o hospital, e não quiz declarar a sua residencia. Estava em seu perfeito juizo, e não mostrava lesão alguma externa, mas não se podia mover.

— No mesmo dia virou-se á saída da barra um barco de pesca, afogando-se todos os homens da companhia.

— O sr. Camillo Castello Branco escreveu para o theatro de S. João no Porto, um novo drama intitulado « Espinhos e Flores. » Applica o producto da primeira recita para as victimas d'um incendio que houve na rua das Flores.

— Falleceu o barão de Palma, antigo e honrado empregado da junta do credito publico.

— Houve um concerto vocal e instrumental, no Paço, em o dia 13 do corrente, no qual tomou parte sua magestade el-rei o sr. D. Fernando. Foram convidados os principaes artistas do theatro de S. Carlos, professores de musica, os membros do corpo diplomatico, e officiaes da casa real.

— Foi presa no dia 15 Maria da Conceição, por ter morto um filho que dera á luz no Tojal. A infanticida tem dezeseis annos de idade.

— Desde 1 a 8 do corrente o movimento dos passageiros no caminho de ferro de leste, foi de tres mil oitocentas e oito pessoas.

— Publicou-se a arte do salchicheiro, livro indispensavel para quem quizer ter boa cosinha.

— A policia capturou dois criados do sr. commendador Francisco Lisboa, subdito brasileiro, que lhe haviam roubado duzentos mil réis em dinheiro, roupas, e uma bengala de unicornio com castão de ouro.

— Tambem se tem procedido á prisão de varios individuos que faziam parte de uma quadrilha de ratoneiros.

— O *Cearense* que levava colonos para o Brazil, abriu agua ao sair a barra, e arribou encalhando na praia de Belem, onde depois se manifestou incendio.

— Já principiou a publicar-se a « Opinião » jornal politico ministerial.

— Em Ischel, cidade da Austria, prega actualmente, mesmo nas praças publicas, o padre Wlinkowytroen, da companhia de Jesus. Os seus sermões produzem profunda impressão no auditorio. O imperador Francisco José, sua augusta esposa, e familia imperial ouviram alguns, misturados entre os seus subditos.

— A igreja catholica, ultimamente construida em Gotha, foi sagrada solemnemente no dia 19 de outubro, assistindo tambem a este acto o clero protestante.

— Como testemunho do brilhante estado em que se

acham os estabelecimentos de instrucção publica em Genebra, diz-se que se espera n'esta cidade o principe Alfredo, filho da rainha de Inglaterra, que vae ali estudar as linguas modernas.

— Vão dismantelar-se as fortificações da praça de Wurtzburgo, na Baviera sobre a margem direita do Main, para se dar mais largas e embellezamento á cidade. Só ficarão existindo a fortaleza de Marienberg, ou Frauenberg, e o quartel de Mein.

— Vae reunir-se em Vienna a commissão de navegação do Danubio, na qual a Porta será representada.

— No mez de setembro foi destruido por um incendio no lago Michigan, na America, o vapor Niagara. Levava cento e setenta passageiros. D'estes e da tripulação unicamente se salvaram oitenta pessoas.

— O imperador Alexandre resolveu a construcção de cinco cidades novas na Finlandia. A primeira occupará um ponto no extremo do golpho de Botnia, a tres leguas de Torneo, e a doze de Uleabrog, situação muito propicia para uma praça mercantil.

— Nos ultimos sete annos perpetraram-se em S. Francisco da California mil e quatrocentos assassinios, e a cidade foi sete vezes incendiada.

— Actualmente é visivel no Peru um cometa, que por ora se duvida seja o grande annunciado pelos astrónomos.

— Em a noite de 12 de outubro observou-se em Dessau, depois de uma forte tempestade, o iris produzido pela lua.

— Nas margens do Don, na Russia, descobriram-se umas minas de carvão de pedra, tão ferteis de combustivel que poderão fornecer quasi por mil annos todas as nações da terra.

— Os judeus subditos do imperador da Russia, offerceram á imperatriz um album de fabulosa magnificencia e riqueza, contendo versos escriptos em russo e hebreu, expressando sua gratidão por não serem esquecidos pelo imperador no seu manifesto por occasião da coroação.

— Em 26 de outubro foi sagrada a igreja cathedral catholica em Francfort sur-le-Mein.

— Com intuito scientifico varios naturalistas inglezes vão emprender uma ascensão aerostatica em grande escala. O globo em que se verificará a ascensão subirá pelo menos á altura de quarenta mil pés.

— Saiu de Nova York uma expedição scientifica para explorar uma parte da America do Sul, que desde o celebre Humboldt não tinha sido visitada por nenhum explorador scientifico.

— A Academia franceza consta actualmente de quarenta membros.

— A população civil da Prussia sobe a dezeseis milhões novecentas noventa mil cento e vinte seis almas.

— A esquadra franceza perdeu na ultima guerra quatro mil oitocentos quarenta e nove homens.

— O cantão de Zurich na Suissa occupa na manufactura da seda trinta e dois mil oitocentos sessenta e dois trabalhadores, em vinte cinco mil duzentos noventa e um teares.

— Diz-se que vae ser reorganizada a guarda nacional de Paris, e confiado o seu commando superior ao general Canrobert.

— O rei de Napoles decretou a organisação de mais dois regimentos suissos.

— A população judaica em Vienna é actualmente de trinta mil almas.

— Bem longe de as tropas austriacas evacuaem os principados danubianos, acabam de ser reforçadas com mais regimentos de cavallaria que entraram em Galatz. A Inglaterra annue que os principados sejam occupados até á primavera de 1857.

— Por meados de novembro foi tão densa a nevoa em Londres, que todo o dia estiveram acesos os lampiões das ruas.

— O celebre general de engenheiros russos, Todleben, está resolvido a passar na Suissa o presente inverno.

— Diz a *Gazeta de Berne* que os chefes realistas da insurreição de Neuchatel serão defendidos no tribunal por advogados francezes. Aponta-se entre estes o celebre Odillon Barrot.

— O general em chefe do exercito federal suizo, Dufour, foi consultado a respeito dos elementos de defesa, e respondeu que no praso de oito dias podia reunir até cem mil combatentes.

— Diz o *Times* que a Russia tenciona enviar uma esquadra ao mar Negro, pedindo previamente á Porta o respectivo consentimento.

— Os rebeldes chins incendiaram no dia 13 de setembro no districto de Wekian a esquadra imperial.

— Corre boato de que a Austria vae concentrar numerosas forças na Lombardia, sob pretexto de o reclamar o estado actual de Parma e Placencia.

— A cholera já tem arrebatado nas Indias orientaes noventa mil pessoas.

— Espera-se em Paris um enviado do shah da Persia, que será portador da condecoração da ordem do Sol e do Leão, no valor de 100000 francos, para o imperador. Para a imperatriz traz um adereço de perolas avaliado em 80000 francos; para o principe Napoleão um sabre com o punho cravejado de brilhantes, e avaliado em 60000 francos.

— Diz-se que o marechal Bosquet está justo para casar com a senhora Mires, de dezeseis annos de idade, filha do banqueiro do mesmo appellido.

— Queixam-se em Turim de que a correspondencia dirigida de Inglaterra, é aberta e lida em Paris, ao atravessar a França.

— Continuam apparecendo diariamente muitos pasquins em Paris, dando morras a Napoleão, e vivas ao conde de Paris, a Henrique v, e á republica.

— Um negociante que desembarcou no Havre, procedente do Brazil, levava toda a sua riqueza em diamantes encerrados n'uma caixa. Montava o seu valor a noventa e seis contos de réis. No acto de desembarcar caiu-lhe a caixa no mar. Um busio, para lh'a extrahir d'ali, pediu-lhe cento e oitenta mil réis.

— Diz-se que o grã-duque de Toscana vae fazer concessões ao seu povo.

— Uma rapariga que está presa em Berlin por furto domestico, no entanto que vae correndo a causa, acaba de herdar de um tio muitas propriedades e grandes riquezas.

— Em Florença descobriu-se no mez passado uma conspiração com ramificações por todo o grã-ducado de Toscana.

— Conde Dell'Alberesse é o titulo com que viaja de incognito o principe herdeiro da Toscana.

— Acaba de se suicidar em Manhein uma rapariga de vinte annos de idade, filha de uma familia mui distincta. É o terceiro suicidio feminino occorrido n'aquella cidade no praso de quatro semanas, allegando todas que o fizeram por causa de profunda melancolia.

— No dia 4 de novembro installou-se na Suissa uma associação de catholicos.

— O imperador d'Austria approvou a creação d'uma escola polytechnica central em Buda no reino da Hungria, á custa do thesouro nacional.

— Os jesuitas compraram por cento e cincoenta mil francos o palacio de Vilquain em Bruxellas para o converterem em collegio polytechnico.

— A população de Bruxellas é actualmente de cento sessenta e quatro mil oitocentas e vinte seis almas.

— Uma estatistica que o *Monitor* francez publicou ultimamente computa que embarcaram para o Oriente trezentos e nove mil duzentos sessenta oito francezes, e quarenta um mil novecentos e setenta quatro cavallos. Morreram ali nos combates e de molestias, sessenta nove mil duzentos e vinte nove homens.

— A concessão do caminho de ferro do Euphrates foi feita pelo governo ottomano a uma companhia franceza.

— Vae estabelecer-se entre Alexandria e Suez uma linha de telegraphos electricos.

— A estatua de Daniel O'Connell, que se hade erigir em Dublin, vae ser fundida em Paris.

— O negocio da successão ao throno da Grecia está adiado para quando se regularem definitivamente os assumptos do Oriente por ora pendentes.

— Sentem-se em Napoles symptomas de uma grande e prompta erupção do Vesuvio.

— A guarnição actual da Polonia é de sessenta mil homens. Ha muitos annos que o numero de tropas n'aquelle reino não é tão reduzida.

— Começaram em Constantinopola as conferencias diplomaticas para se tratar dos negocios dos principados.

— Calcula-se em duzentos mil francos o custo das coroas e flores depositadas nos tumulos dos cemiterios de Paris no dia de finados.

— O principe Frederico de Hanau, filho mais velho do principe reinante do Hesse eleitoral, casou em Londres com a filha do actor Birnbaum, que representava em Cassel, capital d'aquelles estados.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

AVISO.

Os srs. Assignantes da *Illustração*, que quizerem continuar com a assignatura para o anno, terão a bondade de remetter o importe da mesma com a brevidade possivel, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

Por esta occasião, o Editor tem a honra de prevenir os mesmos srs. Assignantes de que, para o futuro anno, a *Illustração* será consideravelmente melhorada em relação á parte artistica.